

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

RESUMO:

Este texto mapeia as Casas de Acolhida LGBT no Brasil, destacando suas frentes de atuação. Diante da violência e vulnerabilidade social enfrentadas pela comunidade LGBT, as casas surgem como espaços de apoio e acolhimento, especialmente durante a pandemia de COVID-19. Identificam-se sete iniciativas que oferecem moradia provisória, suporte psicológico e cultural, além de capacitação profissional. O estudo reflete sobre a necessidade de políticas públicas e a intersecção entre a vulnerabilidade social e os direitos LGBT, ressaltando a importância da preservação da vida e da memória nessas comunidades.

PALAVRAS-CHAVE: Casas de Acolhida LGBTQIA+; LGBT, vulnerabilidade social, políticas públicas

ABSTRACT:

His text maps LGBT Shelters in Brazil, highlighting their areas of operation. In light of the violence and social vulnerability faced by the LGBT community, these shelters emerge as spaces of support and shelter, especially during the COVID-19 pandemic. Seven initiatives are identified that offer temporary housing, psychological and cultural support, as well as professional training. The study reflects on the need for public policies and the intersection of social vulnerability with LGBT rights, emphasizing the importance of preserving life and memory within these communities.

KEYWORDS: Shelters LGBTQIA+, LGBT, social vulnerability, public policies.

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

O presente texto possui como objetivo mapear as Casas de Acolhidas LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis/transsexuais/transgêneres) no Brasil, identificando os aspectos gerais das frentes trabalhadas por estas iniciativas. Para tanto, não vou apresentar a pesquisa que estou desenvolvendo no mestrado, intitulada provisoriamente “Casas de Acolhida LGBT e Processos Museológicos: Cartografias da Imagem (Trans) Museal de Linda Brasil na Casa Amor, Aracaju/SE”, onde apresento reflexões construídas no contexto da pandemia. Afinal, a “museologia que não serve para a vida não serve para nada” (CHAGAS; PIRES, 2018).

O imaginário social naturalizado no senso comum que definiam/definem as pessoas LGBT enquanto aberrações, pederastas, degenerados/as e outros/as, construídos historicamente pelas produções higienistas, nos meados do século XIX (MOREIRA, 2012) e que reforçavam concepções religiosas, permanecem impregnadas no imaginário da sociedade brasileira, provocando hostilidades, violências e fragilidades ou interrupções nos vínculos familiares. Diante disso, a vulnerabilidade social enfrentada pelas comunidades LGBT brasileira se torna ainda mais perversa de acordo com o contexto sociocultural interseccionada pela raça, gênero, sexualidade e classe em que o sujeito está inserido.

Segundo relatório do Grupo Gay da Bahia (GGB), publicado em 2019, a cada 20 horas uma pessoa LGBT morre vítima da violência LGBTfobia no Brasil. O relatório também aponta que no ano de 2018, 420 pessoas LGBT morreram no país vítimas da LGBTfobia, sendo: 320 homicídios (76%) e 100 suicídios (24%). Ainda de acordo com o relatório, 35, 5% foram mortas em suas residências. A casa enquanto representação de apoio e acolhimento familiar, pode representar um espaço de ameaça e ausência de apoio quando se é uma pessoa LGBT. “Pois nunca temos notícias de adolescentes e jovens expulsos de casas por sua cor ou por serem usuários de drogas, mas é alarmante o número de adolescentes expulsos de casa

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

ou sem teto por serem homossexuais, e, sobretudo por serem travestis e ou transexuais” (FERNANDES, 2014).

No dia 13 de junho de 2017, o Supremo Tribunal Federal (STF) brasileiro, reconheceu que a LGBTfobia é um crime que deve ser equiparado ao de racismo. Com isso, discriminar e ofender pessoas LGBT por causa de suas orientações sexuais e identidades de gênero pode acarretar ao criminoso detenção de um a três anos.

Atualmente, estamos em escala global atravessando mais um momento da história com o surgimento do novo coronavírus (COVID-19), que escancara as desigualdades sociais estruturadas no Brasil e as lutas travadas antes desta pandemia. O vírus foi caracterizado como pandemia no dia 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Embora os marcadores sociais da diferença não sejam critérios de atuação do vírus, pois atinge qualquer pessoa independentemente da raça, classe, gênero, sexualidade, idade, entre outros, mas, coloca em posição de maior vulnerabilidade às classes subalternizadas.

Os privilégios da raça/cor, classe/renda, sexo/gênero, idade, escolaridade e outros, fazem a diferença, nesse contexto de pandemia, conforme Baptista e Mello (2020). Ao refletir sobre os preconceitos, os autores apontam que grupos de riscos e ignorância na história da humanidade nos contextos das pandemias (gripe espanhola, entre outros) e epidemias (HIV/AIDS, entre outros), nos alertam para as repetições de comportamentos sociais que costumamos adotar como sociedades e grupos, com perseguição e abandono social das vítimas iniciais consideradas/os difusoras/es; e a contaminação propagada por aqueles/as que se julgam imunes, como tem ocorrido.

Medidas para contenção do contágio, vítimas mortais e colapso do sistema de saúde foram recomendados pela OMS e a comunidade científica. Essas

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

orientam a suspensão das atividades escolares, culturais, esportivas e dos setores econômicos considerados não essenciais. No Brasil, as recomendações foram adotadas através dos decretos provisórios estaduais e municipais. Mas, na esfera federal, o governo ignora a gravidade da situação, considerando, em suas palavras, a pandemia como uma “gripezinha”.

O conjunto de ações adotadas através do distanciamento social, isolamento e quarentena, exigem mudanças de hábitos e costumes culturais para que possamos alcançar soluções coletivas. Mas, como aderir às recomendações Simbolos de Resistências sociais LGBT e sobreviver sem renda suficiente ou a inexistência da mesma, para manutenção alimentar, aquisição de itens de limpeza, kits de higiene de proteção, entre outros? Como garantir o isolamento sem moradia, sem condições de manter o aluguel, morando em casas em condições insalubres e em ambiente de violências e abusos? Sem assistência e tratamento médico, devido ao sucateamento da saúde pública, como é possível administrar a doença seguindo os rígidos protocolos?

Antecedente à pandemia, a precariedade da vida humana nos últimos anos no Brasil se intensifica mediante retrocessos das políticas públicas e dos direitos garantidos às comunidades, grupos e populações marginalizadas tal como LGBT. A ascensão dos discursos de ódio conduzido pelos ideais do conservadorismo religioso e político, consumiu de modo organizado o golpe parlamentar de 2016, que destituiu a presidenta Dilma Rousseff (2011- 2016) e elegeu nas eleições de 2018 seu representante maior ao cargo da presidência, Jair Bolsonaro.

Em paralelo a esse cenário sombrio marcado pelo ódio, diversas iniciativas idealizadas por ativistas, coletivos, pessoas civis e movimentos sociais LGBT materializaram/materializaram Casas de Acolhida LGBT em cidades situadas nas cinco regiões do país. As iniciativas das Casas desempenham estratégias

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

fundamentais para garantir de algum modo a sobrevivência de pessoas LGBT, principalmente neste momento de crise agravada pela pandemia.

Metodologicamente, enquanto proposta de visualização e identificação, realizei um mapeamento das Casas de Acolhida LGBT no Brasil. Uma cartografia social (MONTALVÃO; PRADO FILHO, 2013) para referenciar os experimentos, processos e produções de subjetividades de (des)conexões, (desmaterialização dos espaços e/ou ações de transições que existiram, existem ou poderá existir ou não, ou até mesmo transitar para outras coisas não previstas a priori, compondo paisagens de processos de fenômenos sociais dinâmicos e abertos.

Foram identificadas no mapeamento de sete iniciativas de Casas de Acolhida LGBT no Brasil entre os anos de 2010 a 2019, como podemos observar abaixo nas informações gerais sobre as iniciativas de ações desenvolvidas por cada uma das Casas de Acolhida.

A Casa Miga Acolhimento LGBT: oferece moradia provisória às pessoas LGBT+ brasileiras e refugiadas; promove rodas de conversas; escuta; e projetos de empreendedorismo. O projeto da Casa é uma idealização da Associação Manifesta LGBT, que tem como presidente Gabriel Lima Mota (homem cisgênero, gay, bira- cial com nível de escolaridade superior). A instituição está localizada na cidade de Manaus/ AM. No dia 17 de agosto de 2019 foi inaugurado o espaço que obteve apoio coletivo é mantido por doações voluntárias.

Casa Transformar: oferece moradia provisória às pessoas LGBT; apoio psicológico; e atua buscando estratégias de parcerias para oferecer qualificação profissional e educacional. O projeto foi idealizado pela funkeira Nick Hot (mulher trans) e seu esposo Davy Lima, com apoio e colaboração de mulheres e homens trans. O espaço está localizado na cidade de Fortaleza/CE, e de modo mais

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

organizacional no ano de 2019 ampliou o acolhimento. A instituição é mantida por doações voluntárias

Casa Transviver: o espaço foi aberto no mês de junho de 2019 e por falta de recursos financeiros fechou em janeiro de 2020. O projeto é uma idealização de Regina Guimarães (mulher cis, heterossexual, branca e empresária) e seu filho Ruan Gyan (homem cis, gay, branco e artista). Com apoio coletivo o projeto atua com ações de distribuições de cestas básicas de alimentos, com foco para as pessoas trans que possuem filhos além de estender as demais na cidade de Recife/PE.

CasAmor: o projeto oferece em seu espaço atendimento psicológico; orientação e encaminhamento de serviço social; orientações e acompanhamento jurídico; e atividades culturais. Localizada na cidade de Aracaju/SE, o projeto foi idealizado por Linda Brasil (mulher trans, heterossexual, branca e com nível de escolaridade superior), e com apoio coletivo de doações e gestão voluntária o projeto é mantido e voltado à comunidade LGBT.

Centro de Cultura e Acolhimento LGBTQIA+ Casa Aurora: localizada na cidade de Salvador/BA, no dia 31 de maio de 2019 o espaço foi aberto. A instituição foi idealizada por João Hugo (homem trans, negro e graduando) e Selena Ramos (mulher trans, negra e graduanda). A instituição oferece moradia provisória as pessoas LGBTQIA+ entre a faixa etária de 18 a 29 anos, atuando também com as frentes: Clínica Social (atendimento clínico, psicológico, psiquiátrico, psicoterapêutico e assistência social), atividades culturais e socioeducativas. O espaço é mantido e gerido pelo apoio e doação de forma voluntária e coletiva.

Casa Rosa Cultural e Assistencial LGBT: está situada na cidade de Brasília/DF e possui a finalidade de oferecer serviços de saúde, cursos de capacitação e renda, encontros e rodas de conversas. O idealizador do espaço é

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Marcos Venisson Tavares (homem cis, homoafetivo e pardo) com apoio coletivo. A instituição foi registrada em ata no dia 21 de abril de 2016, mas a instalação institucional funciona de forma temporária e de modo improvisado desde setembro de 2017. O espaço físico encontra-se em obras de construção e futuramente pretende oferecer moradia provisória as pessoas LGBT.

Projeto Casulo: de acordo com o texto publicado na Revista Memórias LGBTQI+ (2014) por Beth Fernandes (idealizadora do Projeto Casulo), a ideia da casa de passagem é acolher e atender pessoas trans em situação de tráfico de pessoas, exploração sexual e migração LGBT. Ainda de acordo com a autora, o Projeto visa a construção da autonomia no processo de se refazer como pessoas a partir dos direitos sexuais e humanos e a primeira casa de passagem para pessoas trans. O projeto está situado na cidade Goiânia/GO e oferece passagem de moradia, mas o ano de criação/inauguração do espaço não foi mencionado pela ativista e não conseguir obter dados sobre a informação específica.

Casa Nem de Acolhimento LGBTQIA+: está localizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ. O espaço foi aberto no dia 13 fevereiro de 2016, pelo Grupo TransRevolução, que tem como fundadora Indianarae Siqueira (transvestigênera, parda). O espaço oferece abrigo provisório a população LGBTQIA+, mulheres cisgêneras em situação de violência doméstica e familiar com foco em transvestigêneras, além oferecer atendimento jurídico, serviço social, médico, psicoterapêutico, educacional, empreendedor e outros.

Casinha: está situada na cidade do Rio de Janeiro/RJ. De acordo com as informações coletadas, o projeto possui como objetivo oferecer moradia provisória as pessoas LGBT, qualificação profissional e educacional, atendimento psicossocial, atendimento jurídico e criação de um Centro Cultural para promover e atender a população artística e cultural LGBT. Desde o ano de 2017, várias ações para

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

materialização do espaço e atividades culturais foram/continuam a ser registradas nas páginas do perfil oficial da instituição nas redes sociais.

Centro de Acolhida e Cultura Casa 1: está localizada na cidade de São Paulo/SP. O espaço oferece abrigo provisório as pessoas LGBT de 15 a 25 anos, acompanhamento de saúde mental e clínica, assistência social, assistência jurídica e atividades culturais desenvolvidas no Centro Cultural. A Casa foi idealizada por Iran de Jesus Giusti (Homem cis, branco, homossexual e nível acadêmico). O espaço foi inaugurado no dia 25 de janeiro de 2017.

Casa Chama: está situada na cidade de São Paulo/SP. A partir de uma reunião pre- sencial de virar voto contra Jair Bolsonaro em 2018, o projeto foi idealizado no ateliê de Digg Franco (homem trans, branco) e de sua parceira Cintia Marcília (mulher cis, bissexu- al). De modo coletivo com pessoas trans, o espaço do ateliê foi se transformando na Casa Chama e não possui uma data inaugural. Atualmente a Casa está instalada em uma sala no Centro de Memória e Convívio Cecilia Meireles, não oferece moradia, porém ofereceu anteriormente quando estava instalada no antigo espaço do ateliê. Ações desenvolvidas pela Casa tem como foco as pessoas trans, atuando com quatro frentes: Jurídica, psicossocial, cultural e autonomia financeira.

Casa Florescer: a instituição foi inaugurada no dia 01 de março de 2016, na cidade de São Paulo/SP. O espaço oferece moradia provisória para mulheres transexuais e travestis, atendimento social, psicológico e reinserção para o mercado de trabalho. A fundação é decorrente da articulação entre a Instituição CROPH (Coordenação Regional das Obras de Promoção Humana), com as Mulheres trans que vivem em Centros de Acolhidas masculinos e em parceria com a Secretária Municipal de Assistência e Serviço Social. A manutenção do espaço conta com o apoio do poder público municipal e com parcerias de algumas corporações.

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Casa Florescer II: teve sua inauguração no dia 04 de novembro de 2019, na cidade de São Paulo. Desenvolve ações e atendimentos de acordo com a primeira unidade da Casa Florescer.

Casa Arouchiana: o espaço foi aberto no dia 15 de novembro de 2019, na capital paulista. O projeto é uma iniciativa do coletivo Arouchianos, que busca oferecer moradia provisória às pessoas LGBT, atendimento psicossocial, terapêutico, cursos de capacitação profissional, oficinas de arte e cultura. O coletivo busca também um espaço para preservação territorial da memória LGBT que da região do Lago do Arouche.

Casa de Missão Amor Gratuito: oferece moradia provisória a população LGBT e cis- heterossexual e disponibilização de cursos que são ofertados aos/as assistidos/as através de projetos de voluntários/as e parceiros/as. A inauguração ocorreu no dia 25 de abril de 2010 e está situada na cidade de Sarandi/PR. O espaço foi idealizado por Celio Rodrigues Camargo (homem cis, gay e pardo).

Casassa: Casa de Acolhimento LGBT de Presidente Prudente/SP – o projeto é liderado por um grupo independente de militantes da causa LGBT que no ano de 2016, durante a Semana da Diversidade ocorrida no Centro Cultural Matarazzo de Presidente Prudente/ SP, tiveram a ideia de construir um espaço do acolhimento para pessoas LGBT. No ano de 2017 o espaço foi materializado e oferece moradia provisória, possui grupos de trabalhos de acolhimento emergencial, financeiro, divulgação e jurídico, educação e cultura, doação e atendimento.

Casa Satine: é uma iniciativa do Instituto de Cidadania e Juventude de Mato Grosso do Sul. A Casa visa acolher institucionalmente pessoas LGBT, oferecer atividades educacionais e Culturais. As informações sobre a existência do espaço físico não foram encontradas, porém várias ações culturais foram e estão

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

sendo promovidas pela Casa Satine, de acordo com os registros nas páginas oficiais da instituição nas redes sociais.

lização dos espaços das Casas de Acolhida LGBT é um fator marcante no delineamento das ações do próprio ato de criação desses espaços e das frentes de trabalhos executados ou propostos, que evidenciam estratégias de reparação histórica, diante postura de negligências e exclusões do Estado no atendimento às nossas demandas. Todas as instituições são organizações não governamentais (ONG) sem fins lucrativos, mantidas com apoio da sociedade civil, do voluntariado, das tímidas parcerias esporádicas de pessoas jurídicas ou corporações, da atuação em Rede das Casas e do gerenciamento institucional do trabalho coletivo e voluntário. A única Casa que passou a ter apoio do poder público foi a Florescer que também ganhou sua segunda unidade na cidade de São Paulo. Entre as pautas apresentadas nas configurações de cada uma das Casas, predominam os serviços das áreas da saúde, direito, serviço social e cultura.

Entende-se essas casas enquanto espaços de salvaguarda de corpos e memórias em vulnerabilidade, associando, portanto, o debate de política pública à Museologia LGBT, associação esta que está sendo aprofundada em minha dissertação.

Em tempos de COVID-19, ações e campanhas são lançadas de modo autônomo por cada iniciativa das Casas, coletivas pela Rede Nacional de Casas de Acolhida LGBTQI+ (REBRACAL-GBTQI+) e das alianças com outras organizações civis para arrecadação de alimentos, kits de higiene pessoal, matérias de limpeza e apoio financeiro emergencial, amenizando a situação de extrema vulnerabilidade da comunidade LGBT assistida, em especial da população travestis e trans negras/os, que em maioria são compulsoriamente profissionais do sexo e/ou vivem com HIV/AIDS (BENEVIDES, 2020). Além disso, os atendimentos psicológicos, orientações jurídicas, acompanhamento social e algumas atividades

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

culturais continuam sendo desenvolvidas de modo remoto e expandidas pelas organizações.

A rede de apoio e solidariedade têm garantido visibilidade, apoio e fortalecimento das iniciativas e ações das Casas em prol da preservação da vida humana. Diante disso, vale perguntar: em que medida preservar a vida está preservando a memória?

Referências

BAPTISTA, Jean; Mello, Luiz. #SomosTodasVelhos: notas sobre grupo de risco em tempos de pandemia. Revista Memórias LGBTIQ+. Disponível em: <<https://memoriaslgbt.com/2020/04/07/somostodasvelhos/>>. Acesso em: jun. 2020.

BENEVIDES, Bruna. INSTITUIÇÕES LGBTQI+ LANÇAM CAMPANHA COLETIVA PARA O CORONAVÍRUS; SAIBA COMO DOAR. Revista Híbrida, 2020. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/2020/04/15/instituicoes-lgbtqi-lancam-campanha-coletiva-para-o-coronavirus-saiba-como-doar.>> Acesso em: jun. 2020.

CHAGAS, Mario de Souza; PIRES, Vladimir Sibylla. Território, Museus e Sociedade. Território, Museus e Sociedade: Práticas, poéticas e políticas na contemporaneidade. Coleção Museu, Memória e Cidadania, Rio de Janeiro: UNIRIO; Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 9-22.

FERNANDES, Beth. Proteção e Acolhimento no Projeto Casulo. Visibilidade Trans no Museus e Espaços de Memória. Revista Memórias LGBTIQ+, 2014, n. 2.

Casas de Acolhida LGBT no Brasil: reflexões museológicas em contexto pandêmico

RAFAEL MACHADO

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.6 N.1 ANO 2021

Grupo Gay da Bahia. População LGBT Morta no Brasil. Relatório GGB 2018. Disponível em: <<https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2019/01/relat%C3%B3rio-de-crimes-contra-lgbt-brasil-2018-grupo-gay-da-bahia.pdf>>. Acesso em: jun. 2020.

MONTALVÃO, Marcela Teti; PRADO FILHO, Kleber. A CARTOGRAFIA COMO MÉTODO PARA AS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS. Revista Barbarói, Universidade de Santa Cruz do Sul, n. 38, 2013, p. 45-49.

MORREIRA, Adilson. A Homossexualidade no Brasil no século XIX. Revista Bagoas, n. 07, 2012, p. 253 – 279. Disponível em: <https://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v06n07art12_moreira.pdf>. Acesso em: jun. 2020.

SOBRE AS AUTORIAS:

Rafael Machado

Mestrando em Museologia pelo PPGMUSEU - UFBA/ bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB . E-mail: faelsemachado@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6012-744X>

RECEBIDO em: 08/12/2020

APROVADO em: 25/01/2021